VIVENDO

PALAVRAS DA ESCRITORA

Deixo evidente neste livro, de texto fictício, a preocupação em exaltar o AMOR, sob várias formas, que envolvem os personagens dessa história.

Na vida de cada um as situações são variadas, mas todas elas nos ensinam que, só esse sentimento traz a positividade para movimentar a nossa existência.

As dificuldades do dia-a-dia são superadas, com maior facilidade, se deixarmos que a energia de amor nos oriente.

A fraternidade, a força de vontade e a dedicação ao próximo são as formas desse sentimento, que unem os personagens dessa história incentivadora dos cristãos de boa vontade.

Sei que todo ser humano possui essa energia positiva, pois somos criaturas de Deus que só espera de nós as boas obras.

Todas as pessoas sejam homens ou mulheres, que têm dentro de si a felicidade de conhecer esse sentimento e o aplicar na sua existência, distribuirá fraternidade, amizade, companheirismo, compreensão, paciência, benevolência, caridade e perseverança. Nem sempre receberá o mesmo de volta, porém, terá com certeza as bênçãos divinas.

A cada capitulo a trama da história nos faz pensar e rever nossos conceitos e atitudes, para que tudo que

fizermos atinja positivamente os nossos semelhantes, sejam eles, parentes, amigos ou mesmo total desconhecidos.

Aqueles que se afastam da positividade divina perdem-se nos caminhos da escola da vida, mas os que cultivam e distribuem tudo o que contém essa grande palavrinha AMOR, transformam a humanidade e a incentivam a continuar VIVENDO.

Sumário

1 5
2 22
3 31
4 42
5 55
6 64
7 73
8 85
9 96
10 109
11 121
12 136
13 149
14 164
15 173
16 185
17 196
18 210
19 219
20 226
21 241

VIVENDO

1

Na pequena cidade do interior de São Paulo, morava a família Ranieri, caseiros do sitio de propriedade de Augusto Meireles, senhor idoso, viúvo, cujos dois filhos formados e casados, moravam fora do país.

Augusto residia na cidade, numa casa grande e vazia. A solidão, provocada pela ausência da família, tornou-o triste e sem objetivo.

Raras vezes o sitio era visitado pelo proprietário, que efetuava o pagamento do caseiro através de conta bancária.

Leontina e Afonso Ranieri cuidavam da casa grande, mantendo-a aceada, pintada, à espera dos proprietários. Cuidavam de todo o terreno e das pequenas plantações de verduras, legumes e frutas, para consumo dos moradores e para vender aos proprietários da quitanda e vendinha da cidade.

Afonso cuidava muito bem de tudo, auxiliado por sua esposa que, há cinco anos, sentia a falta das confusões que os patrões faziam, quando passavam dez, quinze dias, nas férias ou nos finais de ano, aproveitando a paz dessa propriedade.

O sitio sempre fora o lugar preferido para o descanso e lazer da família Meireles, por vinte anos usufruíram do local com alegria e união. Depois que os filhos se formaram e casaram a frequência ao sitio já não era tanta. O mais velho foi contratado por uma empresa multinacional para trabalhar na matriz alemã, e o mais novo casou-se com uma americana fixando residência nos Estados Unidos, aonde foi contratado pela empresa do pai dela.

A senhora Meireles sentiu profundamente a ausência dos filhos e em três anos, apesar de virem para o Brasil duas vezes por ano, ela triste e depressiva, após forte gripe e outras complicações, faleceu de insuficiência respiratória.

Desde esse dia, Augusto nunca mais veio ao sitio, e Afonso falava com ele por telefone, quando havia necessidade de algum conserto ou pequena reforma, para manutenção do local. O dinheiro era enviado junto com o salário do caseiro e nem se preocupava com os resultados. O dinheiro arrecadado pela venda das plantações ficava para Afonso, porque Augusto dizia que o trabalho era todo dele, que plantava, colhia e vendia.

Há quinze anos como caseiros, transmitiram confiança aos Meireles desde os primeiros dias quando, recém-casados, assumiram o emprego, só há oito anos tiveram Pedro e, há três, Ana Lucia. O fato de serem jovens e o excesso de trabalho adiaram a vinda dos filhos, que agora alegram seus dias.

Numa manhã chuvosa, Afonso, na pequena casa onde moravam, conversa com Leontina:

- Pelo visto num vamo consegui sai de casa, o tempo tá muito feio. Fais duas hora qui chove sem pará e as nuvi

tão escura e carregada. Se até a hora do armoço tivé chovendo dessi jeito, num vô levá o Pedro pra escola, o rio num vai dexá eu passa.

- Ocê tem razão Afonso, é melhor dexá ele em casa.

- O que ocê tem tô notando desde onti, ta preocupada?

- Num sei não, acordei essa madrugada as duas hora da manhã, cum uma agunia e vontade di chora. Parece Afonso qui coisa ruim vai acontice. Fais dois dia qui o seu Augusto num sai da cabeça.

- Ocê sabe qui notícia ruim chega logo, num si preocupa ta tudo bem.

- Num sei não, eu nunca mi esqueço du qui senti, durante uma semana, antes du acidente qui mato os meus pai.

- Não si deixe leva por pensamento ruim, isso atrai.

- Tá certo, como sempre, ocê tem razão. Vamo procurá o que fazê, mesmo com chuva, sirviço é o que não farta.

Dois dias depois, após o almoço, Afonso levou Pedro para a escola e Leontina, que recolhia a roupa do varal, viu um carro parar no portão do sitio. Aproximando-se, reconheceu o filho mais velho de Augusto, que disse:

- Boa tarde Leontina, minha vinda é por um motivo muito grave.

- Entra, Afonso não demora, posso ajuda? Fais quanto tempo ocê num vem no sitio. Pensei qui fossi o seu pai, o carro é dele, num é?

Sentado na sala cheia de lembranças, diz:

- Sim, o carro é dele, e ele não está mais conosco.

Como se tivesse tomado um choque Leontina diz:

- O que aconticeu, meu Deus, primero sua mãe, agora o seu Augusto – e não consegue segurar as lágrimas.

Nesse instante Afonso para seu velho carro e entra na casa grande, pensando que o patrão chegara.

- Boa tarde, com... Leontina, por que ta chorando?

O filho de Augusto, Lucas Meireles, apertando a mão do caseiro, diz:

- Meu pai, Afonso, teve um avc fulminante. Eu e Luiz fomos avisados pelos empregados de casa e chegamos ontem, poucos minutos antes do enterro. Poucos parentes foram avisados, apenas os que constavam na agenda do meu pai e amigos, há muito, já não os tinha.

Afonso visivelmente abalado, diz:

- Sinto muito o que acunticeu, eu já tinha falado com Leontina, dava pra sinti a tristeza do seu pai por telefone, depois qui sua mãe morreu, ele nunca mais veio nu sitio, e nóis nem vimo mais ele.

- Luiz e eu estávamos muito preocupados com ele, tentamos convencê-lo a morar conosco, mas foi em vão! Ele nos disse que jamais sairia do Brasil, para ficarmos tranquilos que ele estava bem.

Leontina, um pouco mais calma, diz:

- Lucas a tristeza mata nóis por dentro, por fora podemo até sorri, mais o coração chora.

- Você tem razão! Foram mais de cinquenta anos juntos! – Lucas não consegue se controlar e chora sentidamente.

Leontina sai da sala para fazer um chá calmante para os três.

Depois de conversarem por mais ou menos meia hora, Lucas, mais equilibrado, diz:

- Tenho um dever alheio a minha vontade. Luiz e eu decidimos vender todas as propriedades nossas aqui no Brasil. Meu irmão foi conversar com o advogado do meu pai e eu vim para conversar com vocês. Sei que não há possibilidade de vocês comprarem, não é mesmo?

- Sim, isso é certo.

- Me desculpem, mas temos que resolver tudo antes de voltarmos para casa. O sitio será colocado á venda, claro que nosso advogado dará todas as recomendações para que o novo proprietário mantenha o caseiro, que há tantos anos cuida do lugar. O teu salário Afonso, continuará sendo pago até a venda do sitio, e você receberá todos os seus direitos trabalhistas, encerrando assim o contrato que você tinha com o meu pai. Converse bastante com Leontina e decidam se aguardam a venda e a possível permanência, ou se querem receber seus direitos e procurar outro emprego, aí naturalmente o salário será suspenso automaticamente após a saída de vocês do sitio. O nosso advogado virá para saber a decisão de vocês e terá ordem de auxiliá-los no que precisarem, até que tudo seja concluído.

Lucas, depois de agradecer ao Afonso por todos os anos de lealdade e honestidade como caseiro de seu pai, despede-se e deseja boa sorte na decisão tomada por eles.

Os caseiros, dentro da pequena casa que os acolheu todos esses anos, pesam os prós e contras, tanto da permanência quanto da mudança de emprego, deixando a conclusão para o dia seguinte, quando a cabeça de ambos estivesse mais equilibrada.

Nessa madrugada, Leontina com insônia, encontra Afonso, sentado na cozinha, com uma xícara de café na

mão e o pensamento longe, procurando uma resposta, uma orientação para o caminho a seguir.

- Ocê acredita que será vendido rápido? – diz Leontina.

- Não, essas coisa leva tempo e como o sitio é em bom lugar e bem cuidado, mais as prantação, o dinhero é muito, então fica difícil vende.

- Mais si nois sái daqui, a prantação é prejudicada e vai diminuí o dinhero do sitio.

- O advogado tem qui por arguem pra deixa igual como tá, cuidá do que ele tem qui vende.

- Ocê ta certo. Nóis podemo então ficá até qui Pedro termina a escola, enquanto isso ocê procura otro emprego e eu otra casa pra nó...

- A tua decisão intão é saí daqui, tentá uma outra vida?

- Nóis estamo casado há dezesseis anos, nunca saimo daqui e mau conhecemo a cidade, e menos ainda, o mundo lá fora. Sempre te disse que quando os filhos viesse, nóis ia faze di tudo pra qui aprendessem a vive pru mundo, e não trancado num sitio como casero.

- Eu entendo ocê e acho qui até é o momento certo pra mudá o rumo da nossa vida. Amanhã mesmo começo a procura um novo lugar, infilizmente não tenho muito pra escolhie sem estudo, mas vamo trabalha dentro do que agente pode, pra dá pro Pedro e pra Ana Lucia o estudo qui não temo e as oportunidade qui num tivemo.

- È por isso qui eu ti amo tanto marido, como ocê mi intende.

Um beijo carinhoso selou os planos, e foram juntos tentar aproveitar o resto da madrugada para descansar.

O advogado Nestor Pinheiro, na semana seguinte, ouviu a decisão do caseiro e cumprimentou-o pela opção de dar aos seus filhos a chance de uma vida melhor. O plano de Afonso foi aceito, tendo este apenas o dever de cuidar da plantação e da casa, enquanto estivesse morando no sitio. Assegurou-lhe que os seus direitos estavam garantidos e o comunicaria sobre a data e local para a assinatura dos papéis, rescindindo seu contrato empregatício. Disse também ao Afonso, que se precisasse de recomendações para um novo emprego, ele Nestor, estaria autorizado e a disposição para fornecer.

Afonso cuidava do sitio e deixando Pedro na escola, fazia o que todo desempregado simples faz em cidade pequena, conversa com um, pergunta pro outro, obtém uma informação aqui, ali e sai à procura do emprego dentro dos seus conhecimentos.

Os dias passaram e Pedro terminou o ano letivo, mas Afonso não obteve êxito na sua jornada.

Alguns dias depois do Ano Novo, o advogado Nestor trouxe ao sitio um possível comprador, que gostou, mas na hora não definiu, apenas disse que iria pensar bem.

Leontina, já preocupada, pediu ao Afonso para concordar em irem morar numa casa pequena, que ela já encontrara na cidade.

Resolveram aguardar mais alguns dias.

Certa manhã, sentado na praça principal denominada Praça da Esperança, Afonso, que rezou muito antes de sair de casa, vê sentar-se a seu lado um homem de mais ou menos 40 anos, bem vestido, aparentando não ser da cidade.

- Bom dia! Como é calma esta cidade! Eu moro no Rio de Janeiro e lá tudo é tão agitado que estou estranhando, confesso que ficaria sentado aqui o resto da vida, ouvindo os pássaros, curtindo a beleza das flores dessa praça – diz o estranho.

- Qui bom qui ta gostando dessa paiz, eu já num me acostumo na bagunça da cidade grande.

- Você mora aqui perto?

- Não sinhor, to ainda no sitio aonde eu era casero.

- Era? Foi despedido?

- Não, o patrão morreu e seus filho vão vende o sitio.

- Puxa, que pena. Desculpe-me perguntar, mas o que pretende fazer?

- Qualquer coisa dentro do qui sei faze, pra dá uma vida melhor pros meus filho.

- Faz tempo que está procurando emprego?

- Quase seis meis.

- Já procurou na internet?

- Ouvi fala disso mais não sei como faiz.

- Aonde podemos encontrar uma Lan House?

- Lan o que?

- Um lugar com computadores, para poder entrar na internet.

- A cidade é pequena, só de sitiante e lavrador, os comp... computador pru povo, só tem na prefeitura e é só treis.

- É longe a prefeitura?

- Não, naquele predinho verdi.

- Venha comigo, vamos procurar o seu emprego. A propósito, meu nome é Cícero, sou vendedor e vim do Rio á caminho do Paraná, para abrir uma representação da empresa aonde trabalho.

- Eu sô Afonso e agradeço a ajuda.

Por sorte, havia um computador livre e Cícero perguntou se Afonso queria o cargo de caseiro ou outra colocação.

- Gostaria de ganha melhor pra dá estudo pros meus filho.

- Veja amigo, por aqui há alguma oferta de trabalho em sitio. Qual é a sua escolaridade?

- Fiz só o necessário pra aprende a lê e escrevê, dispois fui ajudá meus pais na lavora, casei e sô casero até hoje – diz Afonso desanimado.

- Sabe lidar com a terra, plantando e colhendo com experiência, então olhe pra esta oferta na fazenda Estrela, numa cidade no interior do Paraná, estão precisando de pessoa com conhecimento para chefiar os lavradores na plantação de verduras, legumes e frutas.

- Mais é o que eu fazia no sitio!

- Através deste computador, vamos tentar falar com alguém da fazenda.

De fato, o administrador entende as dificuldades de Afonso, descritas por Cícero, e pede para que o candidato vá à fazenda para conversar com ele, no dia seguinte, pois tinha urgência.

- Como posso agradicê, seu Cícero, essa ajuda? Num posso perde essa portunidade, só num sei si vô encontrá passagi pru Paraná hoje ou amanhã bem cedo, na verdade nem sei si tem ônibus daqui pra lá, acho qui é priciso ir pra outra cidade...

- Calma Afonso, prepare-se e me encontre aqui na praça às 5 horas da manhã. Há pouco, eu disse a você que estou indo para o Paraná e sei onde fica a fazenda Estrela, iremos juntos, fará a entrevista e depois eu te

ajudo a tomar o ônibus que te trará de volta aqui, ou o mais próximo desta cidade deliciosa. Combinado?

- Fico devendo pru sinhor todo esse favor, num sei si mereço, mais pode dispor da minha pessoa, vô ajudá nu qui precisá.

Quando Afonso chegou a casa e contou tudo a Leontina, os olhos dela se encheram de lágrimas e disse:

- Afonso ocê incontrô um anjo bom e temo que agradicê muito ele. Vô faze um bolo piqueno, uns lanchi e refrigerante da dispensa dos patrão, dispois eu coloco otros no lugar. Ocê agradeci bastante ele.

- Podi dexá, na vorta sei qui vô traze boas novidade.

Na manhã seguinte, Cícero e Afonso partem para o Paraná levando o bolo de cenoura coberto de chocolate, vários lanches de carne seca, bem temperada, com rodelas de cebola, tomate e embalados individualmente em papel alumínio, e para cada um, uma garrafa de dois litros de refrigerante.

- Afonso, nós não conseguiremos comer tudo isso!

- Comi sim sinhor, viaji dá fome.

- Mas não é tão distante!

- O sinhor vai levá eu, e esperá eu saí. Até nóis chegá, falá com o home, vai sê hora de armoçá. Vamo dispois procurá ônibus pra vortá, só aí o sinhor vai pro hoter. Pra isso tudo precisa tá garantido. Leontina fez tudo de coração mór de gradecê a bondade do sinhor.

- Está bem Afonso, mas não posso visitá-los sempre, senão vou engordar demais – diz Cícero, fazendo Afonso rir com ele.

- O sinhor é o anjo bom, como Leontina falô, pra mi ajudá, e ela preparo um carinho, mór de agradice sua bondade.

Depois de meia hora de estrada Cícero, com água na boca, diz:

- Afonso, por favor, corte um pedaço desse bolo, ele está tão cheiroso que não consigo resistir.

- Num disse, viaji dá fome!

- Não é fome ainda, mas o aroma desse bolo está me matando, eu gosto muito de doce.

- Intão já sei di hoje pra frente não vai fartá doci na casa do sinhor. A mulhé fais geléia de morango, laranja, pêssigo e muitos ôtro, é só iscolhê.

- Mas assim, você terá que me ajudar a pagar uma academia, vou precisar perder muitos quilos.

Os dois caem na risada e Cícero bate duas vezes, com a mão direita, no ombro esquerdo de Afonso, dizendo:

- Afonso, eu gosto de você, a sua simplicidade me contagia.

- Agradicido, mesmo sem sabê o que isso quer dizer.

Rindo ainda, Cícero explica:

- Quer dizer que o seu jeito, me faz querer ser igual a você.

- Num vai sê bom não, o sinhor é estudado e de postura, num fica bem iguar a Afonso caipira.

- Muito bem, meu amigo, pare de me chamar de senhor, somente Cícero.

- Num tenho essi jeito não. Meu pai sempre me falò que nóis tem qui respeitá as pessoa.

- Então vou chamá-lo de senhor Afonso, certo? Senão eu o estarei desrespeitando.

- Num carece, eu sô gente simples, num sô sinhor.

- Eu também! Então vamos esquecer o senhor e seremos Afonso e Cícero, dois novos e bons amigos, concorda?

- Tá bom, vai sê como o si... ocê qué.

- Ótimo! Isso merece mais bolo e refrigerante pra nós.

- Sabe sin... Cícero, também tô gostando muito di ocê.

Durante toda a viagem conversaram muito e Afonso chegou a dizer que, assim que pudesse, iria aprender a falar bonito como Cícero.

Na fazenda Estrela o administrador Peixoto, recém-contratado pelo proprietário para concretizar o que ele, por viajar muito, não conseguia, cuidava de muita plantação de legumes e verduras, diferentes frutas, e extensa área para o gado leiteiro e de corte.

Peixoto corria de um lado pro outro, porque o antigo administrador não formara uma equipe de assistentes que, encarregados de cada setor, auxiliaria a organização da fazenda.

A chegada de um possível auxiliar era aguardada com urgência. Assim que chegou, Afonso foi levado à presença do chefe, que depois de meia hora de conversa, disse:

- Senhor Afonso, está encarregado da plantação dos legumes, verduras e frutas, o senhor acha que conseguirá isso sozinho, a área é grande?

- Vô fazê o impossive e será di gosto, mais não sô sinhor não.

- Muito bem Afonso, se tiver duvida me procure aqui. Gostaria que começasse hoje mesmo, mas sei que tem família pra trazer. Você tem uma semana pra se organizar, se não der, venha sozinho por enquanto,

oriente sua esposa para que ela venha depois com seus filhos. Combinado?

- Num perco essa portunidade di jeito ninhum, podi isperá qui eu vorto. Muito agradicido!

Afonso explica tudo a Cícero que diz:

- Preste atenção meu amigo, você quer a minha ajuda?

- Ocê já feiz muito por mim, num é justo atrapaiá seu trabalho.

- O que vou fazer aqui requer tempo, não será de um dia pro outro, posso dispor do tempo que quiser então, procurar escola e casa com você não irá interferir, nem me atrasar.

- Pois intão eu aceito, tenho qui vortá pra pegá a mulher e os filho.

- E irá colocá-los na rua? Calma Afonso. Primeiro vamos comer aqueles lanches que estão, agora com a fome me devorando, mais cheirosos e apetitosos que qualquer outro. Depois procuramos uma escola para o seu filho, para ver se há vaga pra ele. Com o papel da escola na mão, vamos atrás de uma casa pra vocês. Explicaremos a urgência e o seu emprego será a garantia para fechar negócio.

- Mais priciso vortá, a mulher vai ficá preocupada.

Pegando o celular, Cícero diz:

- É só me dizer o número do sitio, lá tem telefone, não tem?

- Sim, é.....

- Pronto, fale com ela.

- Leontina, é o Afonso. Presta atenção, vô ficá aqui pra vê a escola e a casa, as notícia é boa, o trabalho ta garantido. Vai embrulhando nossas coisa, logo qui

incontrá casa, vô buscá ocêis. Pede pro sinhor devogado ajudá ocê a arrumá caminhão pra mudança. Tudo bem depressa, porque o patrão tem urgência. Num perdi tempo, to chegando logo.

- Vô fazê o qui ocê mi pedi, aonde ocê vai durmi?

- Num si preocupe, eu me arranjo. Beija os filho pra mim. Já to com saudadi doceis, chau!

- Toma cuidado Afonso, ocê num tá custumado na cidade grande, chau!

Ao desligar o celular para Afonso, Cícero pergunta:

- Você pretende morar na cidade e ir todo dia pra fazenda?

- Sim, quero qui os filho si acostuma, e tem também a escola que na cidade é milhor. Quero qui eles aprende a falá bunito, não quinem eu.

- Você poderá voltar para a escola Afonso, e sua mulher também.

- Mai isso seria bom! Só num sei si teria tempo.

- Depois que mudar pra cá podemos procurar uma escola para adulto, deve ter, esta é uma cidade grande.

- Óia só! Vamo agora procurá a casa e dispois a escola perto dela.

- Você disse que tem uma menina de 3 anos, certo?

- Sim, a minha princesa.

- Na cidade que eu moro no Rio, há creches para crianças até com menos idade que ela e com período integral, aqui também deve ter, mas veremos isso depois da vinda de toda a família.

- Seria mió ainda, porque Leontina pode trabaia também.

- Mas o menino não pode ficar sozinho o dia inteiro!

- Mai ele fica nu sitio quando ela tem qui i pra cidadi, num dá pra levá os dois, e eu tô na lavora.

- Afonso, na cidade, é perigoso deixar criança sozinha. Vamos resolver uma coisa de cada vez. Agora vamos encontrar a casa.

- Já tamo saindu e o Senhor do Céu vai ajudá.

- Amém! – diz Cícero.

Os dois amigos foram a uma imobiliária e havia três casas de dois dormitórios para alugar, com preço razoável, e foram levados para conhecer.

Afonso achou grande, porque estava acostumado a três cômodos, quarto, sala e cozinha, tudo em tamanho reduzido. Cícero conseguiu convencê-lo a fechar negócio com uma delas quando o corretor da imobiliária disse que havia uma escola, de ensino fundamental, a dois quarteirões de distância.

Quando o dono da imobiliária ficou sabendo que ele seria funcionário da fazenda Estrela, assinou a fixa, depois de consultar o proprietário do imóvel por telefone, e o contrato foi preenchido com os documentos de Afonso e a apresentação do papel que o administrador Peixoto lhe dera, para auxiliá-lo a se estabelecer na cidade.

Combinaram que o contrato assinado pelo proprietário e a chave, estariam à disposição de Afonso no dia seguinte, após o almoço.

Assim que deixaram à imobiliária, voltaram para a rua da casa que foi alugada e se dirigiram à escola aonde conseguiram a vaga para Pedro, e com o comprovante na mão Afonso diz:

- Mai foi muito fáci, já temo a casa e a escola, só farta amanhã pegá a chave cu contrato.

- Perfeito Afonso, agora vamos arrumar um hotel, tomar um banho e aguardar o jantar, para depois dormir. Você não está cansado?

- Só do barulho da cidade, e da agitação de ir pra lá e pra cá.

- Tenho o endereço de um pequeno hotel, bom e barato, próprio para viajantes como nós, vamos pegar um quarto com banheiro.

- Mai nóis vamo durmi no mesmo quarto?

- Qual é o problema, pagaremos menos que em quartos separados, dormiremos em camas separadas, e afinal, somos amigos ou não?

- Mai é craro qui nóis somo amigo, só qui nunca durmi no mesmo quarto cum otro home.

- Prometo que se você roncar, eu o coloco no terraço, sem direito a coberta.

- Nesse caso, posso fazê o mesmo com ocê.

E os dois amigos entram num hotel dando muita risada. Uma hora depois, banhados, sentados nas camas conversam, e Cícero diz que tem esposa, três filhos e fará o mesmo que Afonso. Depois de abrir a representação da empresa que trabalha, há oito anos, trará sua família para morar naquela cidade.

Afonso após escutar os planos do amigo, diz:

- Amigo Cícero ocê pode contá cum a ajuda de eu e a mulhé pra tudo qui pricisá.

- Obrigado, eu aceito, só que vai demorar um pouco, preciso ter certeza do campo de trabalho e da possibilidade de progresso, para depois deslocar a família.

- Ocê ta certo, mai vô reza pra tudo dá certo procê.

Na manhã seguinte, antes de irem à imobiliária, eles passaram na rodoviária da cidade para comprar a passagem de volta, e Afonso desceria em uma cidade vizinha à que ficava o sitio. Um ônibus intermunicipal o levaria pra casa.

Os amigos almoçaram juntos e após pegarem a chave e o contrato, voltaram para o hotel e...

- Quando você voltar com a sua família, eu estarei aqui nesse hotel, faço questão de ajudá-lo a montar sua casa e depois, já vou deixar o convite feito, eu pago um jantar de boas vindas pra todos. Eu terei tempo para escolher um restaurante, até que vocês cheguem.

- Num carece essa gentileza amigo Cícero, vai sê muita dispesa procê.

- Não se preocupe, quando eu vier com a família vocês nos convidam para almoçar na sua casa nova, um simples e delicioso almoço caseiro, combinado?

- Mai será só aligria, já vô falá pra mulhé pensá no qui vai fazê. Pra nóis será um orgulho recebê arguém qui mi ajudo muito e pra quem vô ficá devendo muito favor.

Próximo ao horário de embarque Cícero levou Afonso para a rodoviária, um forte abraço e recomendações às famílias, os amigos se despedem. Cícero desejou boa viagem e pediu para que voltasse logo, para não sentir-se sozinho por muito tempo.

2

A viagem de Afonso foi tranquila e Leontina ficou mais feliz ainda, com os detalhes contados pelo marido.

Pedro ansioso, diz:

- Pai, tem muita criança na escola?

- Num sei, só entrei numa sala e num vi criança ninhuma. Só vi duas mulhé sentada nas mesa e otra qui falô cum eu. Mai Leontina ocê já arrumo tudo?

- Só farta as coisa qui nóis precisa e o caminhão qui o sinhor devogado arrumo, vem no sábado pegá nossas coisa. Tem precisão de dar o endereço pru home do caminhão.

- Carece amanhã di comprá as passagi pra nóis – diz Afonso.

- Não marido, óia aqui. Tem quatro passagi pra nóis no ônibus qui vai pra lá di tardi, logo dispois do armoço.

- Mai si o caminhão chega antes di nóis?

- O sinhor devogado, qui deu pra nóis as passagi, diz qui os home do caminhão para pra come na estrada, e o ônibus vai mais ligero qui eles, i si cunticê di chegá antes, eles espera nóis na porta da casa.

- Sabe Leontina, tô carecendo acreditá qui tudo tá certo pra nóis. O amigo Cícero ajudo por demais.

- Num ti dissi qui é anjo bom, ainda tem no mundo gente qui compriendi as dificurdade di povo como nóis.

- Ele dissi qui vai procurá escola pra nóis também.

- Mai ele é bom demais!

- Leontina temo dois dia pra dexá tudo arrumado por aqui.

- O sinhor devogado dissi qui o sitio tá quase vendido e qui o novo dono vai morá nele. Não carece muito cuidado porque ele vai reformá e mudá muita coisa.

- Mai nóis tem qui dexá tudo limpo e cuidado, o qui eles fizé dispois é pobrema deles. Amanhã bem cedo nóis cuida da lida.

No dia seguinte, o advogado Nestor trouxe o salário de Afonso, apesar de já haver acertado os direitos do caseiro, ele recebe mais dois salários, para que não passe dificuldades até receber o primeiro pagamento da fazenda.

Afonso disse que não era necessário, já tinha um bom dinheiro na conta, ao que Nestor sugeriu que guardasse a quantia em poupança para os seus filhos. Recomendando ao Afonso, transferir sua conta bancária para uma agência da cidade aonde iria morar, disse que os levaria à rodoviária da cidade vizinha no sábado.

Afonso agradeceu e disse que a vida dele estava cheia de pessoas boas e que nunca esqueceria os favores de Nestor.

A família Ranieri era formada por quatro pessoas: Afonso, descendente de avós italianos, cuja mãe morreu quando ele tinha 6 anos e o pai, quando tinha 10 anos, indo para um orfanato só saiu de lá, com 18 anos; Leontina, que havia perdido seus pais há poucos anos num acidente, quando o ônibus que eles estavam, se chocou com uma carreta na rodovia; Pedro, com 8 anos e Ana Lucia com 3 anos.

Outros parentes se houvessem, nunca chegaram a conhecer.

Estavam sozinhos e felizes com a nova vida. Assim que chegaram a cidade da fazenda Estrela, o caminhão já os aguardava há meia hora.

Quando o motorista ouviu Afonso dizer à esposa, que não sabia como fazer para avisar Cícero da sua chegada, disse:

- O amigo tem o número de telefone dele? Posso ajudar a achá-lo.

- O seu motorista vai sê di muita ajuda tá aqui o número.....

Depois de alguns segundos, Afonso ouvi a voz do amigo.

- Cícero, tô aqui na casa alugada, acabamo di chegá.

- Bem vindo amigo Afonso, em quinze minutos estarei aí

- Mai isso num vai trapaiá ocê não?

- Em nada, me aguarde, estou louco para conhecer a tua família.

- Intão vem logo, porque eles também qué ti conhice.

O motorista, dois ajudantes, Cícero, Afonso e Leontina, em menos de uma hora, colocaram tudo dentro da casa que, para a nova moradora, era muito grande.

- Dona Leontina, a senhora se acostuma, o bom dessa casa é que, mantendo o portão fechado, as crianças não poderão ir pra rua.

- Verdadi sinhor Cícero, essa rua tem muito carro, é pirigosa, mai num carece di mi chamá di dona nem di sinhora, sô só Leontina, pra lhi servi.

- Só se não me chamar de senhor Cícero, também eu sou só Cícero.

- Perciso mi custumá, afinar o si... ocê já faiz parti da famía.

- Obrigado Leontina, seremos amigos sinceros pelo tempo que Deus permitir.

- Intão será pra sempri – diz Leontina rindo.

Depois de colocarem os móveis nos lugares escolhidos por Leontina, ligaram o fogão e a geladeira, que foram presentes do antigo patrão Augusto.

Cícero disse que seria bom irem a um supermercado, para abastecerem a dispensa e a geladeira, ao observar o pouco alimento que trouxeram.

Afonso concordou e disse:

- Leontina, to indo pru mercado com Cícero, vô trazê coisa boa pra nóis, inquanto isso, arruma as ropa no armário e as cama pra nóis discansá. Amanhã cedo ti ajudo a terminá o serviço e dispois di amanhã, mesmo antis do sór nascê, tô indo pra fazenda. Já vórto. Ocê Pedro toma conta da Ana mór da mãe fazê o sirviço, intendeu?

- Tá bom pai, só me traz um chocolate da cidade.

- Tá promitido, procê e pra Ana... mai qui farta, procê também Leontina.

- Gradicida marido, vórta logo.

Afonso estava acostumado a mercados pequenos de cidadezinhas do interior e ao ver o tamanho do mercado e do estacionamento, disse:

- Amigo Cícero tem alguma festa aí dentro, óia quanto carro!

- São clientes do supermercado, não é uma festa, eles entraram para fazer compras.

- Todo esse povo dus carro tá lá dentro comprando coisa? Mai tem tanta coisa assim lá dentro pra vendê?

- Venha, você verá quantas coisas boas e quanta gente tem lá dentro.